

Crescer não é perigoso



Texto

Januária Cristina Alves

Ilustrações (kirlês)

Nireuda Longobardi



São Paulo - 2012

Pro pessoal do internato e pra turma lá de Garanhuns e de Recife, que está no coração e nas linhas telefônicas até hoje: Socorrinho, Josaíde, Helena, Verônica, Ana Lúcia, Carla, Adriana, Roberta, Héliida, Rosy e Laury.

“Pai, a vida é feita só de traiçoeiros altos e baixos? Não haverá, para a gente, algum tempo de felicidade, de verdadeira segurança?” E ele, com muito caso, no devagar da resposta, suave a voz: “Faz de conta, minha filha... Faz de conta...”¹

1 Guimarães Rosa, “Nada e a nossa condição”, in.: *Primeiras estórias*. Rj, Nova Fronteira, 2008.

TRINTA... E TRÊS

Trinta camas iguaizinhas. Trinta armários idênticos. Todas as camas forradas com colchas da mesma cor e do mesmo tamanho. Todos os armários fechados, com uma chave do lado de fora. Tudo muito limpo, arrumado, em ordem, e muito... semelhante.

Três pares de olhos observavam as trinta camas, os trinta armários e a limpeza, a ordem, etc. e tal. Os três pares de olhos se encararam, se fazendo milhões de perguntas, diante das trinta camas arrumadas.

Um par era preto, mais oblíquo, enfeitado por longos cílios, parecendo sempre estar pintado com delineador ou qualquer coisa do gênero. Eram olhos brilhantes, curiosos e se mexiam o tempo todo, pra lá e pra cá, vendo mais (e através) do que havia à sua frente.

Outros dois olhos eram castanho-claros, amendoados, como se diz. Porque quando o sol batia sobre eles, ficavam quase amarelos, como os de um gato bonito e manhoso. Esses olhos eram quietos, mansos e pareciam olhar sempre para muito longe.

Já os dois vizinhos dos castanhos-claros, estavam disfarçados sob as lentes de óculos de vidro branco e aro de metal. Eram verdes, escuros, misteriosos, acompanhados por sobrancelhas grossas, negras, e eram tão lindos que tomavam conta de todo o rosto.

Três pares de olhos, com treze anos de idade (quase quatorze, para ser mais exata) observavam,

com o coração aos pulos, em silêncio, as trinta camas e os trinta armários do hotel fazenda onde as garotas iriam morar a partir daquele momento, em regime de internato, por trinta dias, enquanto durasse o curso de inglês. Esse curso fora escolhido a dedo (cada uma tinha seu motivo!) para iniciar as comemorações daquele ano fundamental em suas vidas: o do nono ano. Parecia uma aventura do século passado. Mas elas estavam no início do século XXI.

Fazer o curso de imersão naquele hotel fazenda, lá no Recife, era o máximo. As freiras que haviam arrendado aquela antiga fazenda pernambucana eram inglesas, por isso primavam pela disciplina e seriedade. Quem conseguia passar no curso tinha vaga garantida em qualquer escola inglesa para estrangeiros, e o diploma era reconhecido. Assim sendo, além de caro, o curso era muito disputado, havendo somente trinta lugares para cada turma. Além disso, para cursá-lo, era preciso fazer antes um pequeno teste básico de inglês e ser aprovado. Tudo muito inglês, é claro.

Os três pares de olhos, bem pernambucanos, por sinal, não se cansavam de olhar aquele ambiente inglês em pleno agreste. Tudo muito estranho e, ao mesmo tempo, tremendamente emocionante!

– Bem, meninas! Gostaram de seus novos aposentos?

A voz da freira responsável pelo hotel fazenda – carregada de sotaque mas num português impecá-

vel – fez com que as três garotas se sobressaltassem, saindo do mundo da lua onde se encontravam. Todas balançaram a cabeça automaticamente, sem saber direito o que dizer.

– Então, muito bem. Vamos conhecer o resto do hotel. Vai ser um passeio lindo! Vocês vão ver como temos aqui árvores, plantas de todo tipo, frutas e até alguns bichos de estimação. Sabem, aqui fazemos questão de estar rodeadas pela natureza, para ficarmos mais perto de Deus. Vocês conhecem a história de São Francisco de Assis, não conhecem? Pois então.

E a irmã Smith seguiu tagarelando sem parar, falando tanto, que as três logo se desligaram do mundo de novo. Cada uma com seus pensamentos. Todas lembrando-se da saída de casa, que acontecera naquela manhã de fevereiro, de verão, sob um calor de quase quarenta graus.

MARIA JOANA

Fim de tarde e ela ouvia, no volume mais alto que era possível, Renato Russo cantando:

*Mas é claro que o sol
Vai voltar amanhã
Mais uma vez, eu sei
Escuridão já vi pior
De endoidecer gente sã
Espera que o sol já vem
(...) Se você quiser alguém em quem confiar
Confie em si mesmo
Quem acredita sempre alcança.*

... E chorava, chorava, sem parar.

– Jojô, tá chorando, maninha? – quis saber seu irmão, um garoto de dez anos de idade.

– E não é pra chorar, Renatinho? Então eu não tô dividida? Quero ir pra esse curso de todo jeito, mas não queria te deixar aqui sozinho, neguinho... Como é que vai ser?

– Vai ser o que é, Jô. Pai e mãe brigando, cara feia, essa casa assim, triste de dar pena. Tu acha que vai piorar, maninha? Vai não, tu vai ver que não pode. Eles já nem têm por que brigar...

– Tu estava ouvindo a música? É linda, né? Escuto essa canção quase como se fosse uma reza: acho que

tudo vai melhorar, maninho. Vou escutando o Renato Russo cantar e vou dizendo isso no meu coração. Vai passar, sim. Todo casal tem crise, tava conversando com a professora Nana, ela disse que é assim mesmo. Briga não quer dizer separação. Muitas vezes um casal briga pra se acertar melhor depois – disse Jojô, consolando-se.

– De todo jeito, Jojô, tu tem que ir e tocar tua vida. Eu vou tocando a minha por aqui. Tem a escola, os meus amigos, o Zeca, o Flávio, a Gorete. Nunca fico só, tu sabe? E depois, pai e mãe acabam saindo o dia todo, nem se veem muito. Fique fria. Fim de semana vou pra casa de voinha Maria. Lá é sítio, ando a cavalo o dia todo, tiro leite de vaca. Essas coisas que adoro tanto.

– Sabe Renatinho, tu às vezes parece um veio, cara. Tu tem umas conversas de gente de muito mais idade. Tu é muito especial, meu maninho – disse Jô, dando um abraço dos mais apertados que podia no irmão tão mais novo e tão mais velho, tudo ao mesmo tempo.

Maria Joana sempre fora uma garota comum. Em Vitória de Santo Antão, cidade próxima ao Recife – conhecida por ter sido cenário da famosa Batalha dos Guararapes, onde os pernambucanos expulsaram os holandeses, vencendo uma pendenga antiga –, não havia muita coisa para fazer, como em qualquer cidade do interior que se preze. Mas Jojô, ou simplesmente Jô, como era chamada carinhosamente pelos

pais e amigos, gostava de viver lá. Só pensava em sair, um dia desses, para estudar pedagogia no Recife e se tornar uma professora bem especial.

Sua família também não era diferente das muitas que conhecia. Pai, mãe e um irmão mais novo. Os pais, aparentemente, sempre se deram bem, conversavam bastante entre si e com os filhos, eram tranquilos – até que ela ou o irmão fizessem birra, coisa que eles não toleravam, e aí ficavam muito bravos! – e levavam uma vida de bastante trabalho e algum lazer. Porém, de uns meses para cá, as coisas tinham se complicado. Eles começaram a brigar por tudo, era discussão dia e noite, e Jojô estava com muito medo que eles pensassem em se separar.

A ideia de participar de um curso de imersão em inglês fora de sua professora Nana; na verdade, mais que professora, sua madrinha. Nana era como se fosse mãe de Jojô, e como também era apaixonada pela profissão, dava a maior força para Jô se formar e ser uma ótima professora.

– É importantíssimo falar uma outra língua quando se dá aula, minha filha. Vá fazer o curso, seus pais dão um jeito, pagam parcelado. Tenho certeza de que eles não vão se opor, afinal de contas, também valorizam muito a sua formação. Vamos fazer sua inscrição? – disse ela, que logo providenciou tudo, falando, inclusive, com os pais da menina.

Os pais, de fato, não se opuseram e ficaram até

felizes por Jojô poder sair de casa um pouco. A menina andava tão acabrunhada nos últimos tempos.

Chegou o dia da partida e, logo pela manhã, Maria Joana se despediu do irmão e dos pais. “Um mês fora daqui pode ser uma linda aventura. Ou não”, pensava ela. Fato é que estava indo. Ultimamente vinha fazendo as coisas à medida que elas iam aparecendo. Sem planos. Tinha a sensação – desde que as brigas dos pais foram ficando mais frequentes – de que era levada pelo vento, sem saber aonde ir e onde tudo isso ia dar.

“É... quem sabe quando eu voltar tudo vai ser diferente?”, desejou. E saiu. Dentro do ônibus, cantorolou baixinho: “Mais uma vez...”